

NOÉ PERDÃO GERTEL: UM DEPOIMENTO PESSOAL

Martin Cezar Feijó*

Quando realizava pesquisa no Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, nos prontuários do Dops, sobre Astrojildo Pereira, solicitei autorização ao meu amigo Noé Gertel para pesquisar também seus prontuários. Naquele momento ainda não havia obrigatoriedade de pessoas vivas autorizarem manuseio de documentos elaborados pela polícia política sobre pessoas investigadas, mas eu já considerava esta uma medida necessária para preservar a privacidade das pessoas, o que acabou prevalecendo posteriormente como medida de bom senso. Noé não só autorizou como chamou minha atenção para um detalhe que poderia passar despercebido, dizendo com graça que a incompetência da polícia política só não era menor do que a “nossa” (ele se referia ironicamente aos comunistas brasileiros, porque foram derrotados).

Realmente qual não foi minha surpresa ao abrir os prontuários do “perigoso militante comunista”, com várias prisões e investigações desde os anos 1930, que o nome de Noé estava modificado. É que nos primeiros relatórios, escritos à máquina, o escrivão enganou-se e grafou Noé Guertel em vez de Noé Gertel, desculpando-se a seguir, ficando assim: “Noé Guertel, Noé, perdão, Gertel”. A partir daí, o nome de Noé nos prontuários do Dops passou a ser “Noé Perdão Gertel”, o que muito o divertia, sendo mais uma das saborosas histórias que envolveram a vida desse revolucionário que tive

o prazer de conhecer e contar com sua sincera amizade.

Eu havia pensado em chamar este texto feito em homenagem à memória de Noé Gertel de “O homem de aço”, mas temi que a ironia pudesse soar forte demais. A verdade é que foi assim que eu o conheci. No início do ano de 1985 eu havia sido demitido da Secretaria Municipal de Cultura por mais de um de seus famosos “bilhetinhos”, pelo então prefeito de São Paulo Jânio da Silva Quadros. Passados dois meses procurando emprego (havia abandonado minhas aulas de História em várias escolas), fui convidado a trabalhar como editor de cultura do semanário *Voz da Unidade*, jornal do PCB em luta por sua legalidade, e com o qual eu já colaborava esporadicamente desde o início. O convite partiu de José Paulo Netto, então responsável pelo setor cultural do partido. A proposta era abrir as páginas culturais do jornal ao debate democrático, sem sectarismo nem dirigismo. Na ocasião, José Paulo disse-me: “Agora você vai conhecer seu chefe, o editor do jornal, que está voltando de Praga, onde representa o Brasil junto à *Revista Internacional*. Seu nome é Noé Gertel, um bolchevique à moda antiga, um homem de aço...”.

Confesso ter tremido nas bases. Apesar de admirar e confiar em José Paulo Netto, começava a desconfiar do convite, até por ter publicado um livrinho de divulgação bastante crítico com relação ao stalinismo e sua política cultural. Agora iria me deparar com um bolchevique de verdade!... Tive medo, mesmo sabendo das mudanças pelas quais o partido dizia estar atravessando. Era um convite ou uma vingança?

Noé Gertel não gostava de falar de si mesmo, chegava até a ironizar a todos os que escreviam livros de memórias como sendo autojustificativas.

* Professor e pesquisador no programa de pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie e professor de Comunicação Comparada na Faculdade de Comunicação da FAAP. Autor de *Anabasis Glauber. Da idade dos homens à idade dos deuses* (São Paulo: Anabasis, 1996); *1932: A Guerra Civil paulista* (São Paulo: Ática, 1998); *O revolucionário cordial* (São Paulo: Boitempo/Fapesp, 2001), e outros.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.17.v0n37.2197>



Homenagem póstuma a Oduvaldo Viana Filho (Vianinha).



Noé Gertel quando ainda jornalista da *Folha de S.Paulo*, 1975.

Foi quando então fui apresentado ao “bolchevique histórico”: Noé desde a apresentação demonstrou ser um homem afável, simpático, elegante, que sabia ser amigo de seus “coleguinhas”, como ele chamava os jornalistas, trabalhassem ou não com ele. Com o tempo ficou claro como era exagerada a imagem que eu fazia do bolchevique clássico com alguém intransigente e sectário. Mas também ficou claro que ali estava um militante disciplinado, que havia dedicado toda sua existência com coerência e fidelidade à causa do proletariado no contexto da utopia comunista.

Noé Gertel não gostava de falar de si mesmo, chegava até a ironizar a todos os que escreviam livros de memórias como sendo autojustificativas. Certa vez fui até questionado por amigo comum, o historiador Nicolau Sevcenko, do por que não registrar um longo depoimento de Noé sobre sua trajetória. Era simples o motivo: Noé não aceitava dar um depoimento pessoal, modestamente considerava que tudo que havia feito não era mais do que sua obrigação e por isso não merecia registro. A forma encontrada foi então obter esses registros por vias transversas, como sua participação no livrinho paradigmático sobre a guerra civil de 1932,¹ ano em que ele entrou para o PCB, e no livro sobre trajetórias sobre militantes quando escreveu sobre seu amigo Joaquim Câmara Ferreira.² Além disso, há um depoimento gravado sobre Carlos Marighela, também seu amigo, para documentário dirigido pelo cineasta Sílvio Tendler, e que foi transmitido pela TV Cultura de São Paulo.

Fora disso ficam os registros através de crônicas no jornal *Voz da Unidade* que escrevia esporadicamente sob pseudônimo Manguari Pistolão (como se sabe, esse é o nome do personagem comunista criado por Oduvaldo Viana Filho para a peça *Rasga coração*, que foi inspirado parcialmente no próprio Noé). E principalmente a memória das pessoas que puderam compartilhar de seu bom humor e das histórias que contava, nunca comprometendo companheiros ou o próprio partido. Dizia que alguns segredos não ditos nem sob tortura do Estado Novo levaria para o túmulo.

Mas muita coisa se sabe sobre Noé, apesar de sua resistência, aliás, justificável, em falar de si próprio. Mas alguns dados, mesmo que apontados superficialmente, poderão ser pesquisados, e que contaram com sua participação: como a famosa batalha da praça da Sé em 1935, quando uma frente reunindo comunistas, trotsquistas, anarquistas e liberais dispersaram uma ostensiva passeata de camisas verdes do integralismo; sua história com Raquel, uma militante operária têxtil do Belenzinho, que se tornou sua mulher e mãe de seus dois filhos, ambos se tornando jornalistas como o pai, Vera (antes atriz do Teatro de Arena) e Luís Carlos; sua prisão em 1939, quando ficou por cinco anos preso na Ilha Grande, ao lado de Carlos Marighela e Agildo Barata; a experiência no jornal *Hoje*, como redator-chefe, ao lado de Câmara Ferreira e Jorge Amado; a passagem pela “grande imprensa” trabalhando no Grupo Folha por mais de vinte e cinco anos, destacando-se como crítico de cinema (suas

resenhas, sempre objetivas e bem escritas poderiam ser reunidas e publicadas em livro);³ o período em que foi editor-chefe do semanário comunista *Voz da Unidade*, nos anos 1980; e até a participação na criação de um encontro de amigos que se tornou um fato na cidade de São Paulo, o Clube dos Ursos, assim nomeado por sugestão do escritor Luiz Maria Veiga (que escreve um artigo sobre nesta edição), que reuniu, a partir de 1986 aproximadamente, escritores, médicos, jornalistas, professores, estudantes, em torno de uma mesa de pizzaria, a Micheluccio, da Consolação, em frente ao cinema Belas Artes, para discutir política, cultura e jogar conversa fora, às vezes de forma acalorada, outras amena, mas sempre sincera, e que tinha na figura de Noé a pessoa-chave, a referência, a “presidência honorária”.

Noé Gertel nasceu no dia 26 de março de 1914, mas preferia comemorar o dia 25 de março, data da fundação do Partido Comunista em 1922, confirmando uma personalidade histórica já apontada. Atravessou o século, chamado de “era dos extremos” pelo historiador de sua idade Eric J. Hobsbawm, com imensa dignidade. Faleceu enquanto dormia na madrugada do dia 18 de fevereiro de 2002, seguramente contrariado porque

amava a vida, a luta social, as mulheres, os amigos e uma boa caipirinha de vodca, contando e ouvindo anedotas, sorrindo e acreditando sinceramente na capacidade humana em transformar o mundo, realmente na possibilidade da construção de algo bem diferente do que aí está, um mundo melhor e generoso.

São Paulo, 26 de março de 2002.

NOTAS

- ¹ Martin Cezar Feijó & Noé Gertel, *1932: a guerra civil paulista* (São Paulo: Ática, 1998).
- ² Noé Gertel, “Meu amigo Cãmara”, em Beatriz Kushnir (org.), *Perfis cruzados – trajetórias e militância política no Brasil* (Rio de Janeiro: Imago, 2002), pp. 15-22.
- ³ Um exemplo disso pode ser encontrado no livro organizado pelo crítico de cinema Amir Labaki: *Folha conta 100 anos de cinema* (Rio de Janeiro: Imago, 1995), e distribuído como brinde aos assinantes do jornal *Folha de S. Paulo*. Há uma crítica de Noé Gertel, publicada no jornal em 23-6-1955, sobre o filme *Janela indiscreta*, de Alfred Hitchcock, quando de seu lançamento.

Noé Gertel nasceu no dia 26 de março de 1914, mas preferia comemorar o dia 25 de março, data da fundação do Partido Comunista em 1922, confirmando uma personalidade histórica já apontada.